

| LEETRA • Indígena |

Material de Apoio do Laboratório de Linguagens LEETRA
Universidade Federal de São Carlos



NÚMERO
ESPECIAL

LEETRA Indígena

Material de Apoio do Laboratório de Linguagens LEETRA

Universidade Federal de São Carlos - SP - Brasil

Volume 05 - Edição Especial

Editora

Maria Sílvia Cintra Martins

Design e Diagramação

Eld Johonny

Revisão

Eld Johonny

Larissa de Paula Ferreira

Maria Sílvia Cintra Martins

Capa

Eld Johonny

Desenho capa e ilustração

Luciano Ariabo Kezo

Endereço para correspondências

Universidade Federal de São Carlos | Laboratório de Linguagens LEETRA

Rod. Washington Luís, km. 235 - Departamento de Letras - Sala 07

CEP: 15.566-905 - São Carlos - SP | Telefone: (16) 3306-6510

Pedido de assinaturas em grupo.leetra@gmail.com

Material disponível em formato digital em: www.leetra.ufscar.br

LEETRA INDÍGENA. n.5, v. 1, 2014 - São Carlos: SP: Universidade

Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA.

Periodicidade semestral - Edição Especial

ISSN: 2316-445X

1. Cultura indígena 2. Línguas indígenas brasileiras

3. Educação

Editorial

A revista LEETRA Indígena, publicação do Laboratório de Linguagens LEETRA sediado no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, comporta resultados de pesquisa em andamento no Grupo de Pesquisa LEETRA (CNPq), que abriga as linhas de pesquisa “Estudos em Literatura Ameríndia”, “Tradução e Transcrição”, “Línguas Indígenas” e “Letramento e Comunicação Intercultural”. A revista busca preencher o espaço hoje necessário do reconhecimento progressivo da importância e da validade das línguas, das culturas e das literaturas indígenas presentes milenarmente em território nacional, sem que ainda lhes tenha sido conferido o valor correspondente. Todas as publicações vêm obtendo uma tiragem limitada em papel e encontram-se disponíveis online (www.leetra.ufscar.br). As Revistas LEETRA Indígena 1, 2 e 4 focalizaram a Literatura de diferentes povos indígenas brasileiros; a Revista LEETRA 3, em número especial, envolveu a publicação do caderno de estudos bilíngue YASÚ YAPURUGITÀ YEGATÚ, com 23 lições e um glossário para o estudo da língua nhengatu. Já as edições especiais dos números 5 a 12 envolvem material de apoio voltado aos professores, particularmente do Ensino Fundamental, e também do Ensino Médio, para seu trabalho voltado à implementação da lei 11.645/08, que regulamenta a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena em todos os níveis de ensino em território nacional.

Agradecemos a todos que vêm contribuindo com estas edições, seja pela submissão de trabalhos, na participação na Comissão Editorial, no Projeto Gráfico e Diagramação, seja, ainda, na concessão de fotos e grafismos.

Temática indígena e Desenvolvimento Sustentável: Uma breve apresentação

Antônio Fernandes Góes Neto
João Paulo Ribeiro
Lucas Blaud Ciola
Renato da Silva Fonseca

Caros professores,
gostaríamos de compartilhar uma sensação e algumas experiências *com vocês...*

Somos Antônio Fernandes Góes Neto, João Paulo Ribeiro, Lucas Blaud Ciola e Renato da Silva Fonseca. Trabalhamos no grupo LEETRA com línguas indígenas e vemos nelas um importante canal para a transmissão dos diferentes conhecimentos dos povos que aqui habitam há muito mais tempo do que imaginamos. Boa parte desses conhecimentos ainda não foram explorados por nós. Se pararmos para ouvir e conversar mais com esses povos, poderemos, provavelmente, extrair novas práticas e renovar nossas escolas e nosso país. É nisso que acreditamos quando produzimos os materiais de apoio LEETRA, para aplicação da lei 11.645.

É bem recente, nas universidades brasileiras, uma preparação específica para se trabalhar a questão que colocou vocês em contato conosco, nesse texto. Todos nós sentimos ao lidar com a temática indígena, um pouco de deficiência em nossas formações. Práticas didáticas e curriculares que gravitem em torno do assunto contribuirão para as ciências da Educação.

A mudança que se iniciou nas escolas públicas agora, para melhorarmos a alfabetização das crianças e a qualidade do ensino como um todo, também está ocorrendo nas universidades públicas, após a lei federal nº 11.645. Por isso, a formação cidadã do aluno aplicador dos conhecimentos na sua respectiva comunidade ao redor, seu bairro, por exemplo, fará com que nós, desenrolemos essa mudança, juntos. Nestas condições, os alunos, além de “entenderem” os conceitos, aplicarão e desenvolverão outros.

Nós podemos através da pesquisa sobre nós mesmos, sobre o entorno das nossas escolas, construir as pontes com a diversidade cultural do nosso país. Rastreamos nossas origens juntos com nossos alunos, poderemos encontrar mais semelhanças do que diferenças entre nós e os diferentes povos que habitaram nossos bairros, assim como os diferentes povos que vivem atualmente no nosso país.

Pedimos paciência, caso essa proposta ainda pareça um pouco confusa ou maluca. O que vamos propor a partir desse texto e dos próximos que seguirão no site do grupo LEETRA, é um conjunto de sugestões para o trabalho nas escolas. Nossos objetivos são claros: acreditamos que as escolas são um espaço propício para a aplicação e produção de conhecimentos. As sequências didáticas que apresentaremos a título de experiência têm como intuito a construção de duas grandes frentes: primeiro, o trabalho com a diversidade cultural desde a alfabetização das crianças e, segundo, o ensino via pesquisa, nos anos posteriores.

Como construir e executar práticas pedagógicas que possam satisfazer as necessidades básicas de educação do povo brasileiro? Reverter as imagens preconceituosas e equivocadas ainda existentes sobre as sociedades indígenas e afro-brasileiras é necessário e muito eficiente com as crianças, já que elas não nascem com os nossos estereótipos. No entanto, qual a postura pedagógica diante da temática indígena na escola?

As temáticas indígenas e afro-brasileiras são boas para se pensar. Para se pensar, dentre outras coisas, que a escola é um espaço dentro da comunidade na qual faz parte, seja ela uma comunidade rural, bairro, distrito, subdistrito, município, etc. Usaremos, por isso, nessas propostas pedagógicas que seguem as temáticas indígenas e afro-brasileiras para nos encontrarmos com nós mesmos. História, Matemática, Biologia, etc... são ferramentas para a abordagem dessas temáticas. Que o professor possa ficar a vontade neste diálogo entre didática e currículo, pois é possível tratar dessas temáticas em todas as disciplinas. Dada a ausência de subsídio didático para o ensino das temáticas aqui em jogo, avisamos aos queridos educadores sobre o que nós pretendemos. Para auxiliar os professores com propostas concretas, fomos atrás de materiais e vocês é que poderão dar continuidade a essa coleta. Para cada realidade, materiais tátil-visuais serão coletados pelo educador e pelo educando. Conforme as sequências forem se desenrolando, vocês entenderão a brincadeira.

Desenvolvimento sustentável são alguns dos objetivos para a aplicação dos conhecimentos. Na verdade, o desenvolvimento sustentável tem a ver com aqueles aprendizados que nunca esquecemos, mesmo depois de muito tempo. São conhecimentos que se tornam permanentes e acessíveis para pessoas que também estão fora da escola. Essa é também a preocupação dos pais dos alunos: o que meus filhos e filhas levarão de fato? Quais conhecimentos eles levarão para o resto de suas vidas?

Podemos expandir esse propósito: quais conhecimentos podem ser construídos juntos, de modo que os alunos, professores e demais pessoas participantes da comunidade a que faz parte a escola, possam levar para o resto de suas vidas? Da diversidade linguística às hortas nas escolas, iremos propor estratégias para que educadores, alunos e demais membros das comunidades possam se apropriar dos espaços que lhe pertencem, se apropriar de sua própria terra, atribuindo-lhes significados com base no passado, no presente e no futuro.

Estudando quem habitava a região onde se situa a escola, como era esse espaço, podemos reestruturar o presente, com vistas às pessoas que virão nesse espaço depois. A diversidade de conhecimentos pertencente aos diferentes povos, indígenas e afro-brasileiros, transmitidos em diferentes línguas e demais linguagens, contribuirá muito para esse desenvolvimento sustentável, pois eles vivem no mundo há muito mais tempo que os portugueses chegados aqui há 500 anos.

1. Os nomes e a alfabetização

“Corre cotia
na casa da tia,
corre cipó
na casa da vó”

Já é uma prática comum o uso dos nomes das pessoas para a alfabetização e gostaríamos de trazer a diversidade de nomes, como tópico a ser trabalhado de forma lúdica na alfabetização. A diversidade de nomes pode expressar para as crianças a diversidade de povos que formaram, ainda formam, e continuarão a formar parte das nossas culturas brasileiras.

Muitos nomes e pessoas, animais, plantas e lugares do entorno das escolas, que compõem o cotidiano das pessoas, foram construídos em diversas línguas e estão na boca do povo. A diversidade já é uma realidade e a questão agora é dar nome aos bois, sabe? A cotia e o cipó, presentes na música acima, são espécies de origem tupi. Por que não trabalhar com nomes assim nos jogos que já são produzidos para a alfabetização? Se todo mundo sabe um pouco de tupi, por quê não aproveitarmos isso nas brincadeiras?

É possível produzir jogos para a memorização e escrita dos nomes dos próprios alunos e, talvez, seja interesse que eles convivam com nomes de origens diferentes. O exercício da escrita com nomes de diferentes espécies brasileiras, cujos nomes são em sua maioria de origem indígena, pode otimizar a alfabetização das crianças. Tatus e sabiás são alguns exemplos de espécies muito comuns, mas também há outras palavras frequentes que geralmente não sabemos suas origens.

Uma cumbuca (cuia-buka), por exemplo, também vem do tupi assim como as ti-póias, que já eram produzidas com algodão para carregar as crianças de colo. Carimbo, vem de uma língua africana chamada quimbundo, para não ficarmos sempre no tupi. Os cajus, por exemplo, podem gerar muitas atividades, pois era uma fruta que além de cultivada e ingerida, era utilizada para contar o tempo: assim, um ano era equivalente a um caju.

Podemos falar sobre a idade dos alunos, seus pais e demais familiares, por meio da contagem com cajus, em desenhos que já carregam em si a temática indígena sustentável: nosso tempo deve caminhar junto ao tempo do nosso meio ambiente, nossas naturezas. Talvez essa seja uma forma de já ir introduzindo a pesquisa com as crianças.

2. Um convite à Toponímia no ensino via pesquisa

A Toponímia tem a ver com os nomes dos lugares. Podemos levá-la à escola? Sim, porque há mundos adormecidos em palavras que nomearam nossos lugares. E esse momento de encontro com o ambiente e com a natureza é imprescindível neste momento da história. As atividades pedagógicas podem sim caminhar na direção de construir junto ao aluno um redescobrimento do local, suas cores, cheiros e dimensões. Eles estão por todas as partes, dentro e fora da escola. E, mais importante: nessa observação dos nomes, podemos avaliar como está nossa terra e modificá-la para melhor.

São lugares que fazem parte do nosso cotidiano. Rios, ribeirões, córregos, montes, serras, montanhas, campos, lagos, bicas d'água, quando ainda persistem no meio urbano, estão abandonados. É comum o uso dos cursos d'água para o despejo de detritos domésticos e industriais, esgoto. Há quem diga que “córrego” é quase um sinônimo de esgoto. Mas eles foram nomeados no passado, com base nos conhecimentos de diferentes povos que aqui já viviam. Rio Tietê (São Paulo), Rio Iguaçu (Curitiba), Lagoa de Ipanema (Rio de Janeiro), Ribeirão Jaguaré (São Paulo), Rio Tamanduateí (São Paulo) e muitos outros, têm seus nomes vindos do tupi antigo, a língua que os portugueses tiveram de aprender para tentar dominar nossos espaços de hoje. O que esses nomes significam nessa língua? Quais conhecimentos podemos extrair desses nomes para a reelaboração dos nossos espaços? Essa é uma proposta de exercício da cidadania, por meio do ensino via pesquisa...



Rio Tietê (São Paulo)

T-y-eté é a expressão em tupi antigo que significa rio verdadeiro, pela sua grandeza no espaço já habitado pelos indígenas do que se chama hoje de São Paulo. Sabe-se que ele possuía muitas cachoeiras, devido à geografia de planaltos, que pode ser percebida ainda hoje. Será que as enchentes paulistas têm a ver com os lugares próximos a essas antigas cachoeiras? Talvez as pesquisas das escolas, bairro a bairro, com a consulta aos moradores mais velhos dos locais, possam iluminar essas questões...



Rio Tamanduateí (São Paulo)

Tamanduá-eté-y, ou o rio dos tamanduás verdadeiros, está situado no centro velho de São Paulo, próximo a um dos seus principais pontos turísticos, o mercado municipal. Já nessa região, há poucos sinais desse rio, que banhava todo o seu entorno, dada a intensa urbanização. O mercado municipal foi construído na várzea do rio Tamanduateí, área pantanosa e considerada de difícil acesso, principalmente em épocas de cheias do rio.

A proximidade com o rio Tamanduateí trouxe sérios problemas de enchentes no mercado municipal e seu entorno, causando transtornos no abastecimento e conservação das mercadorias. Qual a relação entre os tamanduás e esse rio? O que podemos aprender sobre uma região em que havia muitos tamanduás de modo a torná-la mais sustentável hoje?

Tais pesquisas feitas pelas escolas poderiam tornar o metrô Tamanduateí mais informativo aos que nele se movem pela cidade, além de poder se tornar material para a alfabetização das crianças que virão a habitar a região posteriormente. Ora, se os povos originários transmitem seus conhecimentos entre si, por via da educação, porque os educadores e alunos que habitam o rio Tamanduateí não podem transmitir seus conhecimentos sobre seu território aos que depois virão?



Rio Iguaçu (Curitiba)

I-guasú, ou rio grande em tupi antigo, está situado na capital do Paraná, Curitiba, da língua geral paulista kuri-tyba, ajuntamento de araucárias. Seria possível estabelecer relações sustentáveis entre esse rio grande, cheio de cachoeiras e esses pinheiros, por via da pesquisa bairro a bairro?

Vejam que o que queremos dizer com relação sustentável até aqui é o seguinte: Como os conhecimentos aprendidos nas escolas podem manter nossas comunidades vivas, com as pessoas e o meio ambiente vivendo de forma cada vez mais harmônica? Nós, Antônio, João, Lucas e Renato, estaremos juntos com vocês para desenrolar essas e outras propostas que virão, de nós e de vocês. Os exemplos que começamos a listar localizam-se em São Paulo e em outros estados próximos, mas você certamente encontrará outros problemas e soluções, se fizer perguntas parecidas com seus alunos, sobre o seu bairro, comunidade ou cidade.

